

---

# Um Espaço de Pintura

**Cláudia Cristina Pulchinelli \***

**Fernando Carlos Santaella Megale \*\***

**Simone Granado Alonso \*\*\***

PULCHINELLI, C.C.; MEGALE, F.C.S.; ALONSO, S.G. Um espaço de pintura. *Rev. Ter. Ocup. USP*, 3(1/2):60-64, jan/dez., 1992.

## RESUMO

No tratamento das psicoses têm-se utilizado técnicas não-verbais, expressivas, de caráter terapêutico cujo objetivo principal é a possibilidade desses pacientes construírem um processo próprio onde cada um possa se reconhecer. Este trabalho relata a experiência de um projeto multiprofissional - Espaço de pintura - realizado por três aprimorandos no Centro de Atenção Psicossocial. Observou-se que este espaço serviu como lugar de referência para que, esses pacientes, por meio da pintura, se confrontassem com sua produção e a partir disso pudessem construir um sentido próprio.

## DESCRITORES

Distúrbios psicóticos. Psicoterapia. Saúde Mental.

---

De março de 1991 até fevereiro de 1992, realizou-se no Centro de Atenção Psicossocial - CAPS - em São Paulo, um curso de aprimoramento na área de Saúde Mental, cujos participantes formavam uma equipe multiprofissional com terapeuta ocupacional, enfermeira e psicólogo. Foi proposto aos aprimorandos a criação de um projeto que resultou no Espaço de pintura, elaborado entre os meses de março e maio de 1991 e realizado nos meses subsequentes.

Pensamos em criar uma atividade diferenciada daquelas que a instituição já proporcionava aos pacientes. Objetivou-se um espaço com características próprias, onde o paciente encontrasse condições para poder vivenciar uma determinada atividade como instrumento para emergir seu processo indi-

vidual. Escolhemos, dessa forma, a pintura porque esse ato possibilitaria a construção de um processo para cada paciente, que tivesse um sentido para o mesmo. Acreditávamos que o processo de cada um, através da pintura nesse espaço, surgisse como forma de produção, de reconhecimento e de comunicação.

A pintura tem-se mostrado um importante instrumento tanto de análise quanto terapêutico. FREUD(1910)<sup>2</sup>, na obra "Uma Recordação da infância de Leonardo da Vinci", resume a história psicológica do pintor por meio de uma de suas pinturas.

"A pintura possui o seu próprio valor terapêutico especial. Quando a pintura flui, amiúde o mesmo ocorre com a emoção." (OACLANDER, 1978)<sup>3</sup>. Não se trata de

---

\* Terapeuta Ocupacional

\*\* Psicólogo

\*\*\* Enfermeira

Endereço: Rua Itapeva, 700 - CEP 01332 - São Paulo, SP.

fazer arte, mas de produzir um efeito sobre si próprio (SILVEIRA,1981)<sup>5</sup>. Especificamente em relação ao tratamento das psicoses,

*"a experiência também nos demonstra que a pintura pode ser utilizada pelo doente como se fosse um verdadeiro instrumento para reorganizar a ordem interna e ao mesmo tempo reconstruir a realidade"* (SILVEIRA,1981)<sup>5</sup>.

Portanto, há uma idéia a respeito da pintura, a de que, através do ato de pintar de cada indivíduo, sua subjetividade possa ser revelada.

Segundo Jean Oury - em entrevista realizada em 14/02/89 na Clínica de La Borde, França- , "O psicótico tem problemas que se referem à dificuldade de se investir no espaço, de habitar um lugar, de habitar um corpo. E todo o trabalho é reelaborar, refazer um lugar para que o psicótico possa estar em alguma parte ... É o que chamamos de enxerto de espaço".

Esse autor coloca como condição para a formação do campo transferencial; a liberdade de circulação; a existência de locais estruturados e concretos como os ateliers; a possibilidade de contratos facilmente reversíveis de entrada e de saída; um acolhimento permanente dispendo de referências simbólicas e de mediações.

Assim pensamos que o Espaço de pintura deveria ter um enquadre próprio, um lugar que permitisse o livre acesso dos pacientes dentro de um horário determinado, porém que preservasse a possibilidade do sujeito entrar ou sair; um local onde o material estivesse exposto, com os coordenadores presentes. Diante desse enquadre, o lugar dos coordenadores determinaria a forma de estruturação e o próprio sentido do projeto, lugar esse de sustentação e/ou suporte do espaço, o qual possibilitaria que a atividade da pintura acontecesse.

A estruturação do espaço necessitava, em alguns momentos, ser maleável e permitir modificações em seu conjunto. O mesmo ocorreu com os coordenadores que, em vista da sustentação e de possibilitar a pintura aos pacientes, precisavam fazer uso de estratégias diversificadas como parte de sua função. Além disso, não podemos esquecer que alguns pacientes demandavam de um ou outro coordenador, um manejo diferenciado que, em nossa hipótese, fazia parte da transferência tanto com o espaço quanto com o coordenador.

Para ilustrar contaremos fragmentos de histórias que se criaram neste espaço; uma paciente frequentava poucas vezes a pintura, quando ia, ficava apenas alguns minutos. Pegava uma folha, olhava para os outros, fazia um rabisco, resmungava alguma coisa e ia embora. Numa dessas idas, um dos coordenadores sentou-se ao seu lado e começou a conversar. Ela dizia que não sabia desenhar, que não tinha aprendido. Junto com o coordenador, inicia então uma série de pinturas nas quais desenha a si própria, sua família, o coordenador e outras pessoas. Fala de sua história, que sua mãe nunca lhe ensinou a desenhar, que nunca aprendeu a fazer nada. Aos poucos a presença do coordenador já não é tão necessária, e ela parte para fazer outras pinturas, sua casa, o jardim, um arco-íris, suas mãos. Num outro momento, tira os desenhos de sua pasta e, admirada, reconhece e verbaliza a diferença entre os primeiros trabalhos e os últimos.

Uma outra paciente também precisou de um manejo diferenciado dentro do espaço. No início solicitava pintura a dedo e apresentava dificuldade em permanecer no grupo e ao mesmo tempo em fazer o seu trabalho individualmente. Começamos então com uma atenção específica no sentido de que, através desta, ela pudesse encontrar um espaço próprio, mesmo em contato com os demais pacientes e, ir conseguindo ficar na atividade. Os trabalhos foram passando Da pintura

a dedo aos de colagem com pintura, num movimento de destruir e construir, a desenhos mais estruturados, e as figuras começam a aparecer. Aos poucos ela foi podendo estar no espaço e no grupo, realizando a própria atividade e, através dos desenhos, expressando-se com mais clareza. Esses dois fragmentos revelam aspectos fundamentais da estrutura do espaço, o acolhimento e a maleabilidade que existiu por parte dos coordenadores, permitindo a criação de um vínculo, e o início do processo.

Neste espaço, "pintar seria agir" (SILVEIRA, 1981)<sup>5</sup>. Através do ato de pintar e das possibilidades que essa atividade oferece, surgem alternativas das mais diferentes formas. Desde o convite "o espaço de pintura está aberto" até o conseguir realizar um trabalho, expressar-se, comunicar-se. O sujeito percorre um caminho de alternativas; quando entra na sala, depara-se com o material exposto, com o qual estabelece uma relação de escolha, do que ele irá usar para conseguir expressar-se. O lápis, as folhas, o pedido de um material que não se encontra exposto, pode revelar fragmentos de sua história, que se juntará a esse processo. E nesse pintar inicia-se então um caminho que vai tomando forma, as vezes claro, as vezes obscuro, e que ora precisa ser repetido muitas vezes para chegar a ter sentido para este sujeito. E aí está o que a pintura também nos oferece, as imagens que se concretizam e depois, com o tempo, contam uma história. É um movimento que surge ocasionando "um estado de fluidez, de atitude a se abrir as metamorfoses e ao devir" (SILVEIRA, 1986)<sup>6</sup>.

Dessa forma, observa-se que essa possibilidade de pintar, de criar, surgia também como uma outra possibilidade, a de reconstruir uma história que, se não estava completamente perdida, Há muito não se ouvia falar. Histórias de subjetividades marcadas e caladas, que podiam pela pin-



tura, manifestar suas angústias, juntar seus fragmentos.

O ato de pintar servia como ponto de ancoragem desses elementos fragmentados e possibilitava assim, a construção de um processo, processo daquele sujeito com a pintura. Processo esse que, de algum modo, fazia sentido e sustentava o próprio vínculo que esse sujeito mantinha com o espaço.

Um dos elementos importantes na constituição do Espaço de Pintura foi que este passou a ser, dentro do cotidiano da instituição, um lugar de referência para alguns pacientes, cada um com sua forma específica de se relacionar com o espaço e com a questão da pintura. Uns entravam e saíam diversas vezes, outros ficavam esperando a hora de abrir o espaço para que pudessem começar suas produções. Uns com muita dificuldade de pintar, outros como se conhecessem aqueles materiais há muito tempo. E o Espaço de Pintura estava aberto a todas essas diferenças, a todos esses caminhos percorridos de modos particulares.

Um paciente assíduo à pintura utilizava-se de revistas, livros, recortes de jornal, onde encontrava figuras a serem copiadas. Suas pinturas eram cópias. Um dos coordenadores apontava esse movimento ao paciente, que lhe respondia ter feito desenho técnico, o que parecia justificar sua cópia. Após algum tempo, liberta-se dessas figuras e começa a fazer suas próprias produções. Ele próprio chama o coordenador para expor essa mudança. Aos poucos, suas imagens vão se configurando, com características específicas. Desenha um rosto que, ora parece de mulher, ora de homem. Transforma os rostos, altera a sua própria expressão facial no ato da pintura. Estabelece um compromisso consigo próprio e com a pintura. Constrói um sentido, experimenta diversos tipos de materiais, concentra-se na atividade, por vezes esquece do horário de término.

Outro paciente manteve durante um período de crise, uma relação importante com

a pintura. Quando foi admitido no Centro de Atenção, estava desorganizado, confuso, com pensamentos delirantes. Passou a frequentar a pintura, e seus desenhos eram formas abstratas, indefinidas, que preenchiam completamente a folha; fazia movimentos rápidos, bruscos, seus traços eram coloridos. Falava muito pouco com os coordenadores, as vezes tentava explicar o que desenhava, contudo não conseguia. Após 2 ou 3 meses, deixou um bilhete na mesa da sala de pintura, dizendo que havia arranjado um emprego e que não viria mais. No contexto mais amplo, seu contrato foi resumido a um acompanhamento médico a cada 15 dias.

Como outro exemplo, trazemos um paciente que, logo no início de seu tratamento, começa a frequentar a pintura, revelando nos seus desenhos figuras isoladas parecendo não ter ligação entre si. Depois, parte para as linhas e cores que começam a configurar a abstração onde ele parece mais envolvido, trabalha com cores fortes, com linhas e formas as mais diversas, transformando-as. Passa então a procurar, nesse abstrato, figuras que fazem sentido para ele; são figuras percebidas apenas por si próprio em seus desenhos. (SILVEIRA, 1981)<sup>5</sup>

Assim, percebe-se que o caminho percorrido pelos pacientes que frequentaram o Espaço de Pintura, iniciou-se com a possibilidade de situarem-se nesse espaço, realizarem a sua pintura, construiram seu processo e história.

Tal experiência nos permite tecer algumas considerações importantes. Primeiro, percebemos que o Espaço de Pintura, estruturado em sua forma específica, abarcou um complexo conjunto de manifestações e vínculos, ou seja, o espaço foi continente. Essa característica que chamamos de continência, é um elemento fundamental do Espaço, pois, a partir daí, surgiu a possibilidade de se estruturar e de se organizar uma história,

que tinha sentido para cada paciente. Uma história constituída neste espaço, que representava o seu próprio processo e o seu próprio caminho.

Marcamos também uma diferença entre a nossa experiência e outros grupos de atividade. Formou-se um espaço em grupo onde caminhos individuais foram traçados e para os quais, os coordenadores estavam atentos a tais diferenças. Este lugar de coordenador, que denominamos um lugar de sustentação, teve como diretriz a possibilidade de que esses pacientes pudessem des-

cobrir seu caminho no contato com a pintura. Observamos também, que a pintura, aí inserida, proporcionou esta construção, demonstrando assim seu sentido terapêutico.

A elaboração do projeto em equipe permitiu maior discussão e reflexão, através dos diferentes posicionamentos dos profissionais sobre a questão da psicose, da atividade e da pintura. Isto possibilitou manejos próprios a cada coordenador, sem perder os objetivos centrais do projeto, permitindo uma outra forma de pensar o trabalho.

---

PULCHINELLI, C.C.; MEGALE, F.C.S.; ALONSO, S.G. Picture's space. *Rev. Ter. Ocup. USP*, 3(1/2):60-94 jan/dez., 1992.

## ABSTRACT

In the psychoses treatment has been used no-verbals and expressives technical method which main objective is the possibility of this patients grow up a owner process where each one can recognize himself. This work report the experience of multiprofessional project - Picture's space - realized for 3 trainees of CAPS. We could observe that this place where the patients, through of the pictures, they could confront their works and afterwards to build a owner direction.

## KEY WORDS

Psychotic disorders. Psychotherapy. Mental Health.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. FLEMING, M. *Ideologias e práticas psiquiátricas*, Portugal, Ed. Afrontamento, 1976. (Coleção crítica e Sociedade).
2. FREUD, S. *Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância*, 1910. In; *Obras completas de Sigmund Freud*, Rio de Janeiro, Imago, 1970. v.11
3. OAKLANDER, V. *Descobrendo crianças*, São Paulo, Summus, 1978.
4. SERPA, Jr.O.D.; CAVALCANTI, M.T. *Entrevista com J. Oury*, França, 1989. Clínica La Borde, (mimeografado)
5. SILVEIRA, N. *Imagens do inconsciente*, Rio de Janeiro, Alhambra, 1981.
6. SILVEIRA, N. *Casa das palmeiras. A emoção de lidar: uma experiência em psiquiatria*. Rio de Janeiro, Alhambra, 1986.

Recebido para publicação em: 06/04/92

Aceito para publicação em: 17/06/92